



Justiça, Paz e Integridade da Criação e Diálogo Inter-Religioso

BOLETIM ESPIRITANO NO. 2 - MARÇO 2016

CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, CLIVO DI CINNA 195 - ROMA tel. +39 0635404610 e-mail: csspjp@ yahoo.it

RELEVAR A MISERICORDIA DE DEUS PARA COM O POVO ATRAVÉS DAS INICIATIVAS DA JPIC

JUDE NNOROM, CSSP.

O Papa Francisco, reunido com os fiéis na Praça de São Pedro durante a oração do *Angelus*, no dia 8 de setembro de 2015, lançou o apelo às paróquias bem como às comunidades religiosas na Europa para que recebessem os refugiados, pois isso constitui “um sinal concreto da esperança e misericórdia de Deus”. No mesmo ano, a 11 de abril, havia proclamado o ano de 2016 como Ano Jubilar Extraordinário da Misericórdia. É provável que o apelo do Papa para acolhermos os refugiados e o ano jubilar da Misericórdia estejam ligados, na medida em que a Justiça e a Misericórdia são “duas dimensões de uma única realidade

que se desenvolve gradualmente até atingir o seu clímax na plenitude do amor”. (MV20). Receber os refugiados nas nossas comunidades e casas demonstra um virtuoso ato de misericórdia, mas tem também como objetivo exemplificar o ato de justiça em especial para com os mais vulneráveis, as crianças, as mulheres, os idosos, as pessoas portadoras de deficiência e muitos outros que fogem da guerra e da repressão política. Servir aqueles que estão à margem da sociedade permite-nos “ser misericordiosos como nosso Pai celeste é misericordioso” (Lc 6,36). O nosso ministério aproxima-nos da visão dos nossos fundadores, Claudio Poullart des Places e Francisco Maria Paulo Libermann. Também eles, em momentos diferentes, se sentiram motivados pela misericórdia de Deus para ir ao encontro das periferias da sociedade do seu tempo. Seguindo os passos de Cristo – que, como o Papa nos relembra, é “o rosto da misericórdia

de Deus” –, seguindo o exemplo dos nossos fundadores, também muitos confrades e espiritanos associados vão ao encontro de refugiados, de pessoas com problemas mentais e de pessoas cuja voz não é ouvida pelos poderosos deste mundo. Estes confrades e associados levam Cristo, o rosto da misericórdia de Deus, aos mais vulneráveis. A misericórdia e a compaixão podem ter sido a motivação para o passo inicial, mas eles procuram superar as estruturas que promovem a violência através da justiça e da equidade.

Nesta edição do nosso boletim, o Dr. Fintan

Sheerin, espiritano associado da Irlanda, partilha connosco a sua experiência como voluntário que procura manifestar o rosto de Deus misericordioso aos refugiados detidos entre a França e o Reino Unido, em Pas-de-Calais. Belfred Brice Bouetoumousa fala-nos sobre o espaço JARROT, uma iniciativa pró-conflito criada pelos nossos confrades no Congo-Brazzaville para proporcionar um lar acolhedor para as crianças de rua. Do

Neste número:

- ◆ REFLEXÕES SOBRE “A SELVA”
- ◆ ESPACE JARROT
- ◆ DIÁRIO ESPIRITANO DO CAMPO DE NYARUGUSU
- ◆ CONFERENCIA DAS PARTES (COP21) PARIS 2015
- ◆ AO ENCONTRO DO JUDAISMO
- ◆ SOCIOS DE AEFJN/DESPERTAM A CONSCIÊNCIA SOBRE O AÇAMBARCAMENTO DE TERRAS EM AFRICA
- ◆ O VALOR DO TRABALHO DE ADVOCACIA – DIFESA EM GENEVRA
- ◆ ESCRITÓRIO DA VIVAT INTERNACIONAL EM GENEVRA



campo de refugiados Nyarugusu na Tanzânia, Mariano relata-nos os efeitos do conflito de baixa intensidade no Burundi e a resposta espirítana motivada pela misericórdia. Organizações de cariz religioso e civil manifestaram-se em todo o mundo para consciencializar os governos para as alterações climáticas e pressioná-los juridicamente a comprometerem-se na redução das emissões de gases com efeitos de estufa e “manter os combustíveis fósseis no

solo”. Com a permissão da equipa JPIC da província da Irlanda, partilhámos, nesta edição, um sumário da COP 21 de Paris. Na secção inter-religiosa, colocamos em evidência o resultado positivo da conferência multirreligiosa e de interesses polivalentes e multipartidários coordenada pela nossa rede AEFJN em Nairobi, Quênia, sobre as questões da apropriação da terra e do governo em África. O nosso confrade Edward Flynn, depois de seis anos como represen-

tante da VIVAT Internacional em Genebra, explica que o apoio legal é um instrumento essencial para o exercício do nosso ministério contemporâneo. Recorda-nos ainda que o justo conhecimento dos mecanismos internos das Nações Unidas constitui uma preciosa ajuda para os nossos esforços missionários. Acolhemos e saudamos o nosso confrade da província da Polónia, Andrzej Owca, que continuará o trabalho de Edward em Genebra.

REFLEXÕES SOBRE “A SELVA”

DR. FINTAN SHEERIN

Ao refletir sobre a minha recente visita a um ‘campo’ de refugiados em Calais, faço-o com um ressaibo de cólera devido à terrível injustiça cometida contra estas pessoas, nossos colegas na comum humanidade, estes filhos de Adão e Eva. Não acredito que esta cólera irá diminuir; sinceramente não o desejo porque passei demasiados anos da minha vida, feliz com o meu tapa-olhos, como muitos outros, pretendendo negar as realidades daqueles que têm sido forçados a viver nas margens da sociedade...vivendo *a minha* vida. Ao fim e ao cabo estamos dizendo: “Que vão para o inferno, todos eles!”

Recordo aquele dia em que, de pé numa mansão junto do Lago Malawi, com um cenário belo à nossa frente, mas fora das grades da nossa pobreza desoladora. Quando perguntei a dois jovens brancos sulafricanos, empregados da mansão, a sua opinião sobre tal pobreza a resposta deles foi: “Não temos nada que ver *com eles!*” Agora compreendo que nós, na realidade, não somos diferentes destes dois jovens.

As margens, que ficam mais além da nossa consciência velada com tapa-olhos, são espaços vastos, habitados por aqueles cuja diversidade é considerada pelo resto de nós todos tão anormal que a temos por inaceitável. Estes espaços são realidades onde muitas vezes nós não entramos... lugares onde acontecem coisas de qualidade muito diferente e onde os

valores partilhados pela nossa sociedade simplesmente não se aplicam. A deles e a nossa são realidades paralelas. Ao entrar em Calais, vi jovens rapazes movimentando-se para conseguir formar grupos capa-



CAMPOS DE REFUGIADOS EM CALAIS – FRANÇA

zes de forçar as barreiras e escapar para o Reino Unido. Movimentavam-se silenciosamente ao passar moradias francesas, parando para descansar debaixo das pontes das estradas. Isto fez-me recordar as histórias dos celtas em que havia dois mundos paralelos: o nosso mundo e o das populações inevitavelmente suprimidas. Neste nosso caso, no entanto, a população suprimida eram jovens rapazes movimentando-se num mundo paralelo ao mundo francês existente, mas sem ser parte da sua realidade, antes como um outro mundo em constante movimento, à procura de inclusão e de um momento de descanso.

Esta visita ao campo de refugiados não foi a minha primeira experiência de realidades desta natureza; tinha-me comprometido com a vida

real de diminuídos físicos, de ambientes rurais de África e dos bairros de lata das cidades. No entanto, tal visita era a primeira entrada nesta realidade, e uma que me deu um bocadinho de reconhecimento da situação das pessoas que ali vivem. O grande educador brasileiro, Paulo Freire, escreveu sobre a necessidade de conhecer o outro através do diálogo e do compromisso. Ele defendia que este é o caminho para tornar-se solidário com o outro, e, assim, alcançar uma solidariedade verdadeira. Sinto que consegui conhecer algo da realidade destas outras gentes e é por causa deste conhecimento que a minha cólera se consolidou; uma cólera que me leva a lutar ao lado destes meus colegas humanos.

Estou a usar a palavra “campo” com receio, porque não se trata de nenhum campo. A minha ideia de campo é a de um espaço, protegido por um muro, com estrutura, ordem e serviços. Mas este campo não é nada disso. Não há qualquer muro, a não ser o que é criado pela polícia anti-distúrbios, sempre presente. E, vergonhosamente, não há serviços, não há sanitários, nem água potável, nem segurança nem centro de saúde pública. Na verdade, a única coisa que o governo francês colocou neste campo foi a polícia. É uma lamentável desgraça que isto aconteça num país europeu, rico, do século XXI que orgulhosamente defende os valores da sua República: liberdade, igualdade, fraternidade. É ainda uma denúncia desesperada que nos atinge a todos nós,

nesta Europa alargada, porque todos nós aceitámos isto, dando desculpas que desumanizam estas gentes nos nossos olhos e justificamos ser excluídos da sua presença. O facto de este campo já existir há 8 anos evidencia a nossa inação e a nossa culpa.

Um iraquiano contou-me a tortura sofrida durante um mês em que esteve preso pelo ISIS. Ao mostrar-me as marcas que um ferro em brasa deixou nos seus tornoselos e ao descrever-me a ameaça diária de que me iriam cortar a garganta, explicou: “torturaram-me e trataram-me como se eu fosse um animal. E prosseguiu, no entanto, e descreveu-me a sua situação presente dizendo: “na Europa não me torturam mas tratam-me como um animal”. A verdade é que outros notaram que na Europa os animais têm mais direitos do que eles (os refugiados). Apesar da situação destas gentes, no entanto, e do trato desumano infligido pelos europeus, o calor e a humanidade com que estas pessoas nos tratam a nós é algo que nos convida a ser humildes; a saudação, a etiqueta, a generosidade, a tolerância e as boas maneiras. A questão sobre quem é realmente desumano em situações como esta é questão pertinente. Paulo Freire sugere que os opressores tornam-se eles mesmos desumanos e isto é um facto claramente demonstrado pela classificação indiscriminada destas pessoas por parte da polícia, bem documentada num vídeo. A humanização só pode vir daqueles que foram oprimidos e foi através dos nossos compromissos com eles que sentimos a nossa humanidade a vir ao de cima, desafiando-nos a dar uma resposta. A sua humanidade não é, no entanto amiúde reconhecida porque são rotulados com palavras como ‘migrante’, carregadas com muitos conceitos negativos, que associamos a tais termos. Isto foi-me demonstrado durante a minha visita, numa noite, quando um grupo de umas 2000 pessoas tentaram entrar no Euro Tunnel. Foram impedidas pela polícia e muitas delas foram feridas. (Nós cuidámos as suas feridas no dia seguinte). O site do Noticiário da BBC descreveu este acontecimento, enfatizando no entanto as demoras causadas aos passageiros por “um reboleiro migratório” sem se referir aos ferimentos infligidos a estas pessoas ou às razões que esta-



UMA IGREJA ORTODOXA ETIOPIANA EM CALAIS

vam por detrás da sua situação. Esses aspetos não lhes interessam. E porque deveriam ser-lhes interessantes? Embora sejam seres humanos como nós, não são consideradas como tais. São ‘migrantes’ e basta.

Considero-me feliz por ter tido a oportunidade de visitar a famosa Igreja Ortodoxa etíope que foi construída com grossas lonas e pranchas de madeira. Fiquei emocionado até às lágrimas ante a criação de um espaço tão sagrado no meio de tanto sofrimento. Outras fés fazem coisas semelhantes. Falei com um presbítero que me recebeu como um irmão cristão, mas fazendo notar que todos são bem-vindos qualquer que seja a sua religião, grupo étnico ou género. “Todos somos humanos”, disse. Alguns dias mais tarde viajando em Roma com a minha filha, ao entrar em muitas igrejas, não encontrei ninguém que tenha atingido tal patamar de delicadeza como a que encontrei em “A Selva”.

Antes de viajar para Calais, ouvi dizer que em cada grupo de 4 pessoas nestes campos, 3 pertencem a grupos relacionados com ISIS; que eram fundamentalistas e que, como disse uma senhora da farmácia local, eles querem “assaltar-nos e matar-nos a todos !” Nada vi no entanto que prove isso. Encontrei pessoas como eu: engenheiros, carpinteiros, académicos, enfermeiras, médicos, um pai com o seu filho que tinha uma deficiência intelectual e era epilético; um casal que tinha perdido metade dos seus 13 filhos no Mediterrâneo. Homens, mulheres, crianças procurando abrigar-se do terror, da guerra, do fundamentalismo.

Cinquenta e três pessoas viemos juntos num vagão irlandês para Calais. Eu era um deles. Todas estas pessoas são gente normal, desejosas de ajudar os outros, entabular diálogo e comprometer-se.

Alguns de nós éramos agentes sanitários; outros, construtores; ainda outros eram farrapeiros e armazenistas. Mas todos éramos seres humanos e foi isso que nos permitiu sentir o incómodo dos nossos irmãos e irmãs em dificuldade. Foi isso que lhes permitiu a eles descobrir que nem todos os europeus são iguais. Não admira, pois, que estas gentes corajosas nos tenham dito que enquanto estivémos ali, eles não se sentiram refugiados mas simplesmente seres humanos.

Muitos europeus poderão discutir problemas de imigração, de requerentes de asilo, de economia, problema nacional da habitação, ISIS etc. Ponhamos de lado todos esses problemas e concentremo-nos na situação de milhares de pessoas que vivem em Calais e em campos semelhantes por toda a Europa. Que acontecerá? Que seria de mim se a Guerra rebentasse no meu país e eu me visse obrigado a procurar abrigo noutra sítio? Que seria de mim se me enviassem para “A Selva”, um espaço que antes se chamava: ‘Lixeira’? Se consideramos esta realidade, nenhum de nós, seja quem for, vai calar-se. Tem de dizer: **está mal, é desumanizante, é desumano, é nojento, inaceitável!** Ninguém deveria ser obrigado a tal vida. Estes seres humanos são nossos colegas, que buscam solidariedade numa união de países baseados nos direitos humanos, mas que ficaram presos numa armadilha de lixo humano numa situação degradante de vida humana.

Alto lá! Acabou-se. Agora!



DR. FINTAN SHEERIN DIANTE DE UMA IGREJA ORTODOXA ETIOPIANA

CENTRO ESPIRITANO ACOLHIMENTO E DE ESCUTA DAS CRIANÇAS DA RUA: ESPAÇO JARROT

BELFRED BRICE BOUETOUMOUSSA, CSSP.

Os Espiritanos da Província do Congo Brazzaville, servindo-se da Associação dos Espiritanos do Congo (ASPC) dão vida a uma estrutura de acolhimento e de escuta das crianças da rua, chamada Espaço Jarrot, a fim de melhor se com-



CRIANÇAS DO "ESPACE JARROT" COM OS SUPERVISORES DELES

prometerem com o que consideram ser parte constitutiva da sua missão de evangelização : a libertação integral do homem ; a acção em favor da justiça, da paz e da integridade da criação ; a participação no desenvolvimento e na promoção do homem (RVE). O Cabeçalho da estrutura deve-se ao facto de ter sido o Padre Miguel Jarrot, missionário espiritano o iniciador do projeto. Como vivia num bairro popular de Brazzaville, Miguel Jarrot acolhia as

crianças mais abandonadas. O número de crianças abandonadas recolhidas foi crescendo de dia para dia. Quando o P.Miguel morreu, outros confrades adoptaram como sua esta obra, deitando mão de sócios tais como a Fundação de Auteuil, a Embaixada de França, a UNICEF e a União Europeia e ainda pessoas generosas e benfeitoras. Aproveitamos esta oportunidade para reiterar a nossa gratidão a todos os sócios, especialmente aos da Fundação de Auteuil, que, não poupam nenhum esforço para nos fazer chegar, ano após ano, o seu apoio e assistência.

Esta estrutura corresponde bem à visão missionária de Cláudio Poullart des Places, um dos nossos fundadores, que logo de início sonhou com a formação dos estudantes pobres que bem mereciam um futuro melhor, isto é ser integrados na sociedade.

O Espaço Jarrot é um lugar de acolhimento, de escuta, de atenção e de consideração para com todos as crianças da rua. Pretende ainda ser um lugar de retrospeção, de paragem, de reencontro e convivalidade, garantindo às crianças abandonadas a satisfação de certas necessidades vitais e de vida social, como meio para os reconciliar com valores indispensáveis do crescimento humano: A CONFIANÇA, O RESPEITO, O AMOR.

Este Centro tem por missão restituir a confiança e a esperança às crianças da rua para que elas construam o seu futuro. Acolhe e educa crianças em situação de rutura e sofrimento. Através da escolarização e da formação profissional proporciona a reinserção de algumas no seio das suas fa-

mílias e oferece-lhes uma oportunidade de reinserção sócio-profissional.

Desde 1997, o Espaço Jarrot recebe, anualmente, uns 400 crianças com idades compreendidas entre os 4 e 17 anos. Uma equipa constituída por



UM EDUCADOR DISTRIBUINDO PÃO

educadores, uma enfermeira psicóloga, um diretor e um capelão, dedicam-se diariamente a garantir-lhes o acesso à higiene, à saúde, à alimentação, à educação e à instrução. A equipa atual está constituída por 9 membros.

Com o fim de levar a bom termo as suas atividades, o espaço Jarrot deita mão de medidas complementares :

O trabalho ao ar livre : este trabalho foi agora ampliado pela aquisição de uma « Unidade Móvel » dotada de um veículo que permite aos educadores ir em busca das crianças no seu ambiente com o fim de as transferir para um clima de confiança, de diálogo e um acolhimento eficaz, clima próprio dos centros de escuta, se a criança o aceitar, é claro.





UM MOMENTO DE "RELAX", DIVERSÃO E DANÇA NO CENTRO

Nos Centros de Baongo e Moundali : visto que o ambiente quotidiano é a exclusão... três dias por semana (Segundas, quartas e sextas-feira) , as crianças vêm descansar, lavar-se, cuidar da saúde, alimentar-se mas também desabafar, partilhar momentos de atividades lúdicas (jogos, teatro, canto, dança...) e escolares (alfabetização, leituras...) Esta permanência permite observar e estabilizar a criança com vista a pôr em marcha o procedimento de reinserção familiar e/ou sócio-profissional.

Inserção na família : A Equipa do espaço Jarrot adopta como princípio trabalhar para reatar os laços familiares, porque a criança tem necessidade da sua família para crescer. Quando a família é reencontrada, tem lugar a acção de acompanhamento e seguimento.

Albergue (a Casa Davide) : quando o regresso à família não é possível e a



criança manifesta o desejo de abandonar a rua, é acolhida no Albergue onde se vai ao encontro da sua necessidade de escolarização (para os mais novos) ou de formação profissional (para os mais crescidos), a partir de 16 anos.

Apesar deste esforço para ajudar as crianças da rua a aspirar a uma vida melhor, a nossa missão depara com

muitas dificuldades. Estas dificuldades são muitas vezes de ordem financeira, falta de pessoal e/ou recursos materiais. Por exemplo, 17 anos depois da sua criação o espaço Jarrot enfrentar o problema do aumento do número de crianças acolhidas no Centro. É que as provisões de alimentos, água potável, essencial, são irregulares e até incertas. Isso torna impossível ou neutraliza a transmissão e aplicação das regras indispensáveis de higiene.

Apesar das dificuldades, os espiritanos do Congo estão contentes por trabalhar com as crianças da rua : este trabalho coaduna-se bem com a missão própria da Congregação : a de formar o homem e de buscar para ele um futuro melhor, seguindo o exemplo de Cristo e dos nossos fundadores.

DIÁRIO ESPIRITANO DO CAMPO DE REFUGIADOS DE NYARUGUSU

No início de Maio de 2015, fomos surpreendidos pelo afluxo de muitos refugiados do Burundi, que vieram para a Tanzânia por causa da crise política e subsequente violência no seu país. Centenas de mulheres, crianças e homens, especialmente da parte do sul do Burundi atravessaram para a Tanzânia e estabeleceram-se em Kagunga, uma pequena aldeia, rodeada de um lado por encostas de montanhas, e de outro lado pelas águas do Lago Tanganika. Dentro de um curto período de tempo, o número de refugiados aumentou para milhares. A aldeia de Kagunga depressa se viu numa situação precária, visto que o grande número de refugiados dificultou a resposta dos serviços sociais. Alimentação, saúde, saneamento e abrigo tornaram-se demasiadamente precários para os milhares que se instalaram na aldeia. Com a falta de saneamento, a cólera eclodiu, levando à morte de muitas pessoas.

Em colaboração com a Agência de Refugiados das Nações Unidas (UNHCR), o governo da Tanzânia providenciou barcos que transportaram alguns dos refugiados de Kagunga para a cidade de Kigoma. Esta operação durou cerca de três semanas. Temporariamente, os refugiados foram coloca-

MARIANO ESPÍNOZA, CSSP.



A VIDA NO CAMPO DE REFUGIADOS EM NYARUGUSU



TENDAS DO ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS

dos no estádio Lago Tanganyika, e os doentes foram tratados no hospital em Kigoma.

Outros refugiados do Burundi vieram por estrada para a Tanzânia através das aldeias do Noroeste, e muitos foram colocados no acampamento de Nyarugusu. Na minha opinião, a decisão de os colocar em Nyarugusu baseou-se nas instalações existentes e disponíveis. Nyarugusu já hospedava mais de 55.000 refugiados da República Democrática do Congo (RDC). No entanto, a transferência dos recém-chegados refugiados do Burundi para Nyarugusu ainda está em curso. Muitos ônibus foram contratados para levar os refugiados para os acampamentos. Mas vamos ouvindo e vendo que a chegada de refugiados do Burundi está a diminuir. Os números mais recentes indicam que são cerca de 53, 000 os que chegaram a Tanzânia.

Nyarugusu é o último campo na Tanzânia apoiado pelo ACNUR. As instalações e serviços tais como educação, saúde, alimentação, serviços sociais, água e ambiente, são admi-

nistrados por organizações não-governamentais internacionais (ONGs) que operam sob os auspícios do ACNUR. A existência destes serviços e instalações, embora não suficientes, tornou mais fácil para receber os refugiados em Nyarugusu. Graças a Deus, que o acampamento Nyarugusu ainda existe, caso contrário, as coisas teriam sido diferentes. Um bom exemplo é que aqueles que chegaram ao acampamento com cólera, foram imediatamente controlados e tratados por causa da disponibilidade dos serviços de saúde. Outras ONGs internacionais também foram para ajudar.

No entanto, a chegada dos refugiados do Burundi para Nyarugusu também criou muitos desafios. Por exemplo, as escolas estavam fechadas, e as salas de aula foram disponibilizadas para os recém-chegados. Algumas igrejas foram arbitrariamente usadas para hospedar os refugiados; muitas famílias foram reunidas sob grandes tendas montadas nos campos de jogos. Consequentemente, as actividades comuns e normais tiveram de parar. No entanto, as INGO montaram tendas para cada família. De acordo com as informações da parte de um representante do governo, os recém-chegados serão levados de Nyarugusu para outro lugar já identificado, mas não sabemos quando isso irá acontecer.

Da nossa parte, continuamos com as actividades, como de costume, mas o número de pessoas que servimos tem aumentado significativamente. O desafio é que a situa-

ção no Burundi ainda é volátil, e as nossas vidas são contingentes. Devido a tudo isso, não podemos prever o futuro. Continuamos a receber os refugiados, rezamos juntos e prestamos-lhes todos os serviços pastorais necessários. Estamos disponíveis para eles e presentes no seu meio. Com alegria descobrimos que muitos deles viviam em Mtabila, um acampamento onde há alguns anos atrás nós prestamos serviço; eles eram nossos paroquianos, por isso nos conhecemos.

O meu sonho era encontrá-los num ambiente humano melhor e não num campo de refugiados! Muitas vezes, pergunto-me, Oh meu Deus, quando é que tal situação acabará? Até quando esta pobre gente continuará a fugir? Quem deve encontrar uma solução duradoura para esta tragédia humana na região do Leste Africano?

Peçamos o perdão de Deus. Somos todos seres humanos e o que afecta um afecta a todos.

Rezemos por nós.



IR. MARIANO COM ALGUMAS CRIANÇAS NO CAMPO

CONFERENCIA DAS PARTES (COP21) PARIS 2015

RESUMO REPRODUZIDO COM PERMISSÃO DA JPIC DA PROVÍNCIA DA IRLANDA

COP21 trouxe todos os países para a mesa. Todos aceitaram a teoria da mudança climática, e concordaram em trabalhar juntos para fazer algo sobre o assunto. Mas alguns se mostraram mais ambiciosos do que outros, e os países ricos não vieram com dinheiro suficiente para concretizar o melhor acordo possível.

O mais importante é que o acordo nos deixa muito mais próximos da contenção das alterações climáticas em relação ao ponto onde estávamos há algumas semanas, embora ainda longe da meta. Na verdade, por muitos anos nós nem sequer saberemos o que é que este acordo nos vai trazer. Até que ponto o acordo reduz as emissões de gases de efeito estufa, e com ela o aquecimento, vai depender se os países atingem os seus objectivos para a redução das emissões e implantação de energias renováveis ou se eles vão dar prioridade às suas ambições nos próximos anos. Em termos de justiça climática, há ainda menos para aplaudir. Países ricos, como os EUA, Canadá e União Europeia aumentaram um pouco os seus

compromissos para o financiamento das questões climáticas, mas longe de ser suficiente para compensar o nível imensamente desproporcional da quantidade global do carbono que eles emitem.

Ainda assim, o Acordo de Paris constrói a arquitectura para um maior progresso na próxima década. Aqui está o seu guia para o essencial do que o negócio faz, o que ele contém, e o que não faz:

Então, o que ele faz?

O Acordo de Paris compromete 196 países a trabalharem juntos para limitar o aquecimento global a não mais de 2 graus Celsius acima dos níveis pré-industriais, com uma finalidade de mantê-lo abaixo de 1,5 C. Também pede para parar com o aumento das emissões de gases com efeito de estufa o mais cedo possível. Antes do começo da conferência de Paris, cada país apresentou um compromisso de acção, conhecida como uma Contribuição Determinada a Nível Nacional (INDC), que define o que vai fazer para reduzir as emissões, aumentar a energia renovável, e / ou reduzir a desflorestação. Os compromissos variam muito. E há duas enormes lacunas: **Os compromissos INDC são voluntários**, o que significa que não há nenhuma penalidade para quem não os cumpre. E mesmo se forem cumpridos, eles não vão colocar o mundo no caminho para menos de 2 C do aquecimento. Com base nos pressupostos mais optimistas, os INDCs ainda nos conduzem para 2,7-3,5 C do aquecimento. É por isso que especialistas em clima como Joe Romm da Think Progress dizem que estão simplesmente a ganhar mais tempo para concretizar uma acção real. Mas isso é melhor do que caminhar para o precipício.

A boa notícia é que o acordo inclui um processo de fortalecimento do INDCs. Em 2018, os países irão fazer um balanço dos progressos realizados no cumprimento das suas promessas, e em 2020 terão de produzir novos INDCs. Eles poderiam simplesmente reafirmar os mesmos objectivos, mas a esperança é que eles

irão mais além, pois, uma vez que o problema se torna cada vez mais urgente, o movimento político para a acção climática se torna mais poderoso, e tecnologia limpa fica mais barata e mais generalizada. O presidente Obama, que trabalhou muito para o sucesso de Paris, argumenta que os países vão notar, tal como os EUA notou desde que assumiu o cargo, que, depois de se iniciar, o caminho da expansão da energia renovável é mais fácil do que o esperado. É por isso que os EUA e seus aliados



BANDEIRAS DE ALGUNS PAÍSES PARTICIPANTES NA COP 21 PARIS

nas negociações fizeram disto a sua preocupação prioritária.

O Acordo de Paris não é um tratado, e países do INDCs não são vinculativos: (A administração Obama tornou isto claro de tal sorte que não teria que submeter o acordo ao Senado dos EUA para aprovação.) Ainda assim, o acordo contém alguns elementos vinculativos, tal como a exigência dos países em questão de participarem de um sistema para medir o seu progresso na consecução dos seus objectivos.

O que ele contém?

Todo mundo está envolvido. Acor- dos anteriores colocou toda a responsabilidade pela redução das emissões em países ricos. No Acordo de Paris, todos os 196 signatários concordaram que cada país deve tomar medidas, embora reconhecendo que os países mais ricos devem começar imediatamente e reduzir as emissões de forma mais acentuada, enquanto que as contribuições dos países mais pobres dependerá de suas situações particulares.

Um mecanismo ratchet. Este é o termo técnico para o acordo de se apresentarem novas promessas até 2020. É a vitória mais importante dentro do acordo, uma vez que muitas grandes nações em desenvolvimento, como Índia e Indonésia, estavam relutantes em concordar com um sistema que iria pressioná-los a serem mais ambiciosos dentro da próxima década. A maioria dos INDCs definiu metas até 2030, mas se não melhorarmos, será impossível ficar abaixo de 1,5 C e quase impossível ficar abaixo de 2 C. O mecanismo ratchet obriga os países a voltar à mesa em 2020 e descrever seus planos para 2025 a 2030. Isso cria a oportunidade para que o mundo potencialmente se coloque numa corrida para ficar abaixo de 2 C, mas não saberemos o resultado até 2020 e mais além.

Pequenos aumentos no financiamento do clima, incluindo a ajuda de adaptação.

Estava claro desde o primeiro dia da conferência, tal como os chefes de Estado declararam, que, para muitos países em desenvolvimento que sofrem os efeitos das alterações climáticas, o aumento da ajuda para a adaptação era uma prioridade. Até agora, o maior financiamento para o clima tem sido o de redução das emissões. E, em geral, os países ricos têm ficado muito aquém dos objectivos de 2009 de fornecer 100 bilhões de dólares por ano em financiamento climático até 2020. Os países desenvolvidos, sendo os mais generosos a Alemanha, França, Reino Unido e a União Europeia no seu todo, fizeram, em Paris, novas promessas de vários bilhões de dólares cada. A maior parte não é destinada especificamente para adaptação, mas algumas parte sim. E o secretário de Estado John Kerry, num esforço para dar maior impulso às negociações e mostrar às nações em desenvolvimento que os EUA está a ouvir as suas preocupações, anunciou na quarta-feira que os EUA iria dobrar sua ajuda de adaptação de 400 bilhões de dólares a 800 bilhões ao longo de cinco anos. Isso pode ter ajudado a obter um acordo final, mas ainda é uma ninharia no contexto da

economia dos EUA, o seu orçamento, e sua enorme dívida climática histórica. Países em desenvolvimento mais ricos começaram a contribuir para o financiamento do clima. Nos termos da Convenção da ONU sobre Mudança Climática, um conjunto específico de nações desenvolvidas, aqueles que eram ricos em 1992, quando foi negociado pela primeira vez, receberam a responsabilidade geral de pagar para a desaceleração das mudanças climáticas e todos os outros ficaram isentos. Mas alguns países deixados de fora, como a China, Singapura e Coreia do Sul, têm desfrutado um dramático crescimento económico desde então. Outros, como a Arábia Saudita e outros países do Golfo, são fabulosamente ricos e os piores emissores de carbono per capita. Enquanto isso, nós vimos o colapso económico e uma consequente diminuição das emissões em antigos estados soviéticos na Europa Oriental. Não faz sentido dizer que eles devem pagar, mas os países mais ricos do Médio Oriente e da Ásia não devem. Na COP21, as nações em desenvolvimento mais ricos, em particular a China, se recusou a aceitar a responsabilidade formal de contribuir, mas eles concordaram em fazê-lo numa base voluntária. Na verdade, a China comprometeu 3,1 bilhões de dólares para o financiamento climático entre agora e 2020, um pouquinho mais do que o compromisso de 3 bilhões dos EUA.

Perdas e danos, mais ou menos. Quando os países desenvolvidos se comprometeram em 2009 para chegar a 100 bilhões de dólares por ano em financiamento climático em 2020, eles tinham dois propósitos em mente: reduzir e prevenir as emissões, e se preparar para os efeitos do existente e inevitável aquecimento. Mas, como os efeitos devastadores da elevação dos mares e condições climáticas extremas se tornaram mais visíveis, os países em desenvolvimento exigiram uma terceira forma de assistência: perdas e danos. Eles e seus aliados em ajuda global e organizações ambientais pressionou em Paris para uma secção separada do acordo lidando com perdas e danos. Eles tiveram um, mas não se colocaram os países ricos na isca pelos da-

nos passados ou futuros relacionados com as mudanças climáticas nos países mais pobres. Na verdade, ele afirma explicitamente o contrário, dizendo que o Acordo não envolve ou fornece uma base para qualquer responsabilidade ou compensação. (O argumento de responsabilidade seria a de que os países que têm enriquecido pela queima de combustíveis fósseis são legalmente responsáveis pelos efeitos da mudança climática.) Em vez disso, simplesmente direciona uma tarefa para desenvolver recomendações para abordagens integradas para prevenir, minimizar e tratar deslocamentos relacionados com os impactos adversos das alterações climáticas.



UMA MANIFESTAÇÃO CONTRA A EXPLORAÇÃO DE PETRÓLEO NA AMAZÔNIA

<http://amazonwatch.org/news/2015/0929-keep-it-in-the-ground>

Objectivos abstractos ambiciosos.

Como o Acordo de Copenhaga fez em 2009, o Acordo de Paris inclui o objectivo de manter o aquecimento abaixo de 2 graus C. Mas a mando dos países mais vulneráveis, tais como os pequenos Estados insulares, ele também vai mais longe, exigindo esforços para permanecer abaixo 1.5 C. Ele ainda pede que o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas produza um relatório sobre como poderíamos ficar abaixo de 1,5 C. Mas tudo isso é meramente teórico, neste ponto, uma vez que os INDCs não são suficientemente sólidos para satisfazer qualquer uma dessas metas.

O que ficou fora do acordo?

Mantenha-o no chão

O movimento para parar de extracção de combustíveis fósseis cresceu dramaticamente nos últimos tempos, especialmente nos EUA. Ele está

transformando a política do climática, e ainda não se reflectiu de alguma forma no Acordo de Paris. A abordagem da ONU tem sido o de levar os países a fazer cortes nas emissões e aumento na implantação de energia renovável, eficiência energética, ou sugadores de carbono, mas nunca foi chamado para restringir o desenvolvimento de combustíveis fósseis. Ele ficaria satisfeito por um país que implementasse a tecnologia da captura e eliminação de carbono (CCS) para remover o carbono que emite pela queima de combustíveis fósseis. Mas, activistas ambientais, da justiça social e dos direitos humanos não considerariam isto adequado (mesmo se a tecnologia CCS fosse ampla-

mente disponível e acessível, o que não é). A extracção, transporte e combustão de combustível fóssil têm uma série de impactos negativos sobre o ambiente, os direitos humanos, e saúde pública, além de causar mudanças climáticas. Talvez nas próximas vezes os activistas vão convencer os países a incluir limites para extracção de combustíveis fósseis doméstica nos seus INDCs. Eles certamente vão tentar. Mas é pouco provável que tenham algum sucesso. Mantenha-o no chão é o grito de guerra de algumas das pessoas menos

poderosas do mundo, tal como as comunidades indígenas. Do outro lado estão as empresas de combustível fóssil com mais dinheiro do que Deus. Então, novamente, se as campanhas de desinvestimento que tiveram algumas grandes e novas promessas em Paris na semana passada continuam a se espalhar, as empresas de combustíveis fósseis podem não ser tão poderosas daqui a cinco anos.

Direitos indígenas. Um primo próximo da linguagem ‘mantenha-o no chão’ seria a linguagem de protecção dos direitos das comunidades, em particular as comunidades indígenas, contra os efeitos da extracção de combustíveis fósseis. Activistas indígenas de todo o mundo vieram a Paris para defender isso, mas não tiveram sucesso. Direitos indígenas são mencionados no preâmbulo, mas deixados totalmente fora do texto operacional.

Metas nacionais suficientemente ambiciosas. Não é nenhuma surpresa que INDCs eram fracos, uma vez que os países o anunciaram muito antes de os negociadores chegarem a Paris. Havia muita esperança de que alguns países iriam fortalecer os seus INDCs como parte das negociações. Em particular, houve países em desenvolvimento que tinham oferecido uma faixa condicional de maior ambição em troca de mais financiamento climático. Mas os países ricos não desembolsaram dinheiro suficiente para estimular os países em desenvolvimento a caminharem mais rapidamente para uma economia de energia limpa. Praticamente nenhum dos países ricos está a dar qualquer coisa suficiente para cumprir com as suas obrigações históricas, mas os EUA entram com uma culpa particular. Ele está a dar menos, em relação ao tamanho de sua

economia, do que países menos populosos como o Canadá e muitos países europeus. E Congressistas Republicanos estão tentando evitar o pagamento de até mesmo a quantidade mínima de finanças que os EUA prometeu.

Descarbonização. O Acordo de Paris apela para o mundo alcançar um equilíbrio entre as emissões antropogénicas por fontes e remoções por sugadouros de gases de efeito estufa na segunda metade deste século. Por outras palavras, em algum momento entre 2050 e 2100, devemos ter as emissões de carbono líquido a zero. Isso não é a mesma coisa que inexistência de emissões de carbono. Isso significa que ainda poderíamos estar a emitir carbono, mas que seria compensado através da remoção de carbono da atmosfera através de sugadouros de carbono como as florestas ou através de CCS ou

outras tecnologias ainda a serem desenvolvidas. Isto é teoricamente consistente com uma meta de 2 C, mas mais defensores do clima queriam como meta uma economia livre de carbono até 2050. Por outras palavras, eles querem tão rapidamente quanto possível um fim à utilização de combustíveis fósseis por completo. Mas os países que são completamente e economicamente dependentes do petróleo ou extração de gás não iriam concordar com esta linguagem como, por exemplo, a Arábia Saudita que foi frequentemente marcada como o país mais obstrutivo nas negociações. E países com poderosas corporações de combustíveis fósseis também não iriam embarcar com esse tipo de linguagem.

Para os activistas de todo o mundo, o Acordo de Paris mostra que ainda há esperanças para a manutenção de um vivo.



DIÁLOGO INTERRELIGIOSO

AO ENCONTRO DO JUDAÍSMO

A Comissão para as relações religiosas com os Judeus publicou um documento intitulado “*Os Dons e o chamado de Deus são irrevogáveis*”, a 10 de Dezembro 2015, para marcar o 50º aniversário da Declaração Nostra Aetate, do Vaticano II, no qual um significativo artigo trata das relações entre o Catolicismo e o Judaísmo (Nº 4). Entre outras observações, o documento afirma que “as testemunhas da revelação Divina” sublinham a unidade e a diferença entre Cristianismo e Judaísmo. Como consequência, a evangelização dos Judeus deve ser abordada diferentemente da evangelização a homens e mulheres de outras tradições religiosas. Sendo fiéis à sua fé em Jesus Cristo, não deve impedir os Cristãos de reconhecer que os Judeus são também portadores da palavra de Deus. Nesse sentido a visita do Santo Padre à sinagoga de Roma a 17 Janeiro de 2016, é um convite aos cristãos para considerar o diálogo interreligioso como um processo religioso de encontro com os outros. Neste processo, descobrimos valores e princípios partilhados, um dos quais foi sublinhado pelo Papa, que a violência e conflitos não devem ser feitos em nome da religião. Ele disse que “a violência do homem contra o homem está em contradição com qualquer religião digna desse nome, em especial as 3 grandes religiões monoteístas”. (Judaísmo, Cristianismo e Islão). O Diálogo Interreligioso é um método seguro de lutar contra o extremismo religioso e de promover a paz e a justiça. Com o diálogo interreligioso estamos mais equipados para educar e informar aqueles que possam facilmente ser recrutados pelos extremistas. Para conhecer o documento completo veja o link seguinte: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/relations-jews-docs/rc_pc_chrstuni_doc_20151210_ebraismo-nostra-aetate_en.html



PAPA FRANCISCO NA SINAGOGA DE ROMA

SÓCIOS DE AEFJN/ DESPERTAM A CONSCIÊNCIA SOBRE O AÇAMBARCAMENTO DE TERRAS EM ÁFRICA



Continental Conference on Land Grab And Just Governance In Africa



Held at Jumuia Conference & Country Home Limuru - Kenya, 22nd - 26th Nov. 2015

JUDE NNOROM, CSSP.

Uns 150 participantes da Federação de Conferências Episcopais de África e Madagascar (SECAM); a Federação das Conferências Episcopais da África do Leste (AMECEA); os Secretariados (JPIC) das Congregações religiosas e dioceses de África; Representantes do Governo do Quênia; CRS; a Fundação Raskob; Trocaire; Manos Unidas; Misereor e Fastenopper, participaram num Encontro Panafricano sobre o 'Açambarcamento de terras' e liderança justa em África. Estavam ainda presentes representantes de outras denominações cristãs, Muçulmanos e seguidores da Religião Tradicional Africana. As discussões concentraram-se na subtil injustiça, já presente em muitas partes do continente africano, praticada por Companhias Multinacionais em conivência com alguns governos africanos: 'açamparam terras', fazendas pertencentes às populações, com a pro-

messagem de melhores condições de vida e da consecução de investimentos estrangeiros diretos.

Os participantes observaram que a subida de preço dos alimentos, a crescente demanda de combustíveis, e a escassez de água potável e de terras disponíveis, são aticadores de conflitos num continente que tem a experiência dolorosa da seca, da fome e da guerra. Enquanto que para as populações nativas de África a terra não é mercadoria mas um presente outorgado por Deus, para ser entregue às gerações futuras, a sua voz não é ouvida nas capitais do continente onde se assinam acordos que as despojam dos terrenos dos seus antepassados. Foi interes-

sante aprender também da boca de alguns participantes que nalguns países de África, a Igreja Católica é proprietária de grandes propriedades, adquiridas durante o período colonial, quando as populações se encontravam dispersas. O gesto dos Bispos da África do Sul que por iniciativa própria devolveram terras adquiridas



PARTICIPANTES ESPIRITANOS DO ENCONTRO PANAFRICANO NO QUÊNIA: PAUL FLAMM (JPIC TANZANIA), CHIKA ONYEJIUA (AEFJN BRUSSELS), MARTIN CHEPSAT (JPIC KENYA) E JUDE NNOROM (JPIC ROME).

durante o regime do apartheid foi apresentado como exemplo que deve estimular outras instituições. Para combater esta injustiça, é preciso uma colaboração multi-religiosa. Sacerdotes, religiosos, autoridades tradicionais, pastores, imãs devem organizar-se e trabalhar conjuntamente para partilhar informação e colaborar com ONGs no terreno, tal como os Amigos da Terra Internacional (GRAIN) e outras para despertar a consciência sobre este flagelo.

As comunicações foram elaboradas a partir de estatísticas recentes, conseguidas por pesquisadores de 'O açambarcamento de terras em África' debaixo da supervisão de uma universidade africana. Os participantes decidiram e pediram aos Secretariados de JPIC das dioceses e Congregações para colaborarem com homens e mulheres, de outras tradições religiosas, para consciencializar as pessoas sobre este tema e informar as populações locais para que não permitam.

Ser enganados por promessas dos 'açambarcadores de terras'. Enquanto com frequência homens e mulheres crentes de diversas tradições se organizam para resolver situações de conflito, agora, a partir do local onde vivem, é-lhes dada a oportunidade de participarem, em campanhas 'proativas' com o fim de extinguir este atizador de conflitos no continente- o açambarcamento de terras.

O VALOR DO TRABALHO DE ADVOCACIA / DIFESA EM GENEBRA

EDWARD FLYNN, CSSP.

Foi em finais de agosto de 2009 que comecei a trabalhar para VIVAT Internacional como o seu principal representante em Genebra. Ao chegar em Genebra, como um novice, tive que aprender muito neste trabalho de advocacia/defesa. Durante os anos seguintes, houve muitas oportunidades para apreciar o trabalho da Organização das Nações Unidas (ONU) e tomar várias iniciativas na área dos direitos humanos envolvendo-me de forma significativa com o sistema das Nações Unidas. Agora, depois de 6 anos, é hora de fazer alguma avaliação e de colocar algo por escrito, sobre o valor de tal trabalho e quem beneficia dele.

Há muitos benefícios individuais e comunitários que podem ser indicados. Por exemplo todos aqueles que fizeram formação na área dos direitos humanos gostaram muito desse tempo e experiência em Genebra. Deu-lhes uma perspectiva adicional e particular para o seu trabalho. Este projeto em favor da formação de Espiritanos foi temporário e o financiamento foi limitado, (tendo por base a generosidade de alguns confrades). Muitos outros confrades poderiam ter beneficiado de tais cursos de curta duração, se uma estrutura adequada de financiamento tivesse sido implementada.

Tanto indivíduos como comunidades que me apresentaram questões, oralmente ou por relatórios escritos para

um ou outro mecanismo de direito humano, beneficiaram pela exposição da sua preocupação a nível internacional e assim encontraram apoio e ajuda para isso. A informação é a moeda do trabalho de advocacia. Sa-



bendo onde, quando e como apresentar essa informação para o sistema da ONU é a tarefa do representante em Genebra. Um pequeno número de confrades forneceram informações para a Revisão Periódica Universal (UPR) de um país. Mas, há muitos outros fóruns onde as informações podem ser apresentadas, tais como: fazer declarações no Conselho de Direitos Humanos, ou para os relatores especiais do Conselho de Direitos Humanos.

Há já alguns anos que a Congregação – através da Casa Geral e em algumas Províncias têm vindo a promover uma política de colaboração. A decisão de juntar-se a VIVAT foi em si uma expressão dessa política. Há agora doze Congregações envolvidas no trabalho de VIVAT. Em si este continuará a apresentar desafios para o desenvolvimento do trabalho e para

todos os envolvidos ao longo dos próximos anos. No dia-a-dia de trabalho em Genebra, há também muitas oportunidades para trabalhar com outras ONGs, com base na fé ou não. O envolvimento no trabalho de VIVAT Internacional é uma maneira muito particular de efetivamente contribuir para uma política de colaboração.

Há vários anos, Antonio Pernia, SVD (2010 - Presidente de VIVAT) disse numa carta aos seus membros: "Prevemos que isto nos dará a oportunidade de testemunhar o que o Papa João Paulo II chamou de "novos areópagos"... Acreditamos que os objetivos humanitários das Nações Unidas são muito consistentes com os nossos próprios objetivos e que a colaboração com as Nações Unidas podem ser uma forma importante de trabalhar para o crescimento do Reino de Deus. Pode também colocarnos em contacto e permitir a colaboração com um grande número de ONGs que trabalham para objetivos semelhantes. Nós temos uma presença de longa data com os pobres e os marginalizados em muitas partes do mundo, um alto nível de educação e uma rede internacional eficaz. Portanto, temos os recursos para trazer a voz dos pobres e marginalizados para os níveis de decisão dos organismos mundiais. Atingir isto é o objetivo da VIVAT Internacional".

Este último parágrafo coincide muito com minha própria experiência de trabalhar para VIVAT, em Genebra.

Comprometer-se num diálogo sobre o cumprimento dos direitos humanos é uma parte central das discussões no Palácio das Nações. Através da nossa presença em Genebra, temos a oportunidade e a capacidade de trazer a voz dos afectados por violações dos direitos humanos a este diálogo e promover o diálogo como forma preferencial para resolução dos conflitos.

Nenhum deste trabalho em Genebra pode ter lugar sem o nosso compromisso em todos os níveis: local, regional e

internacional. Encorajando os nossos membros para registar acontecimentos, conservar registos e escrever relatórios são uma parte essencial deste trabalho se queremos fazer uma contribuição positiva. Desta forma, o trabalho dos nossos membros podem contribuir para o crescimento e desenvolvimento da ONU, bem como para o bem daqueles que vivem em situações de pobreza, discriminação e desigualdade. Este trabalho exige um compromisso a longo prazo, percebendo que não há soluções rápidas e o progresso é lento.

EDWARD FLYNN EM GENEBRA



O Superior Geral e o seu Conselho, juntamente com a coordenação JPIC, agradecem de coração a Edward Flynn pelos seus anos de serviço em Genebra, e desejamos lhe o melhor no seu futuro ministério.

Damos as boas vindas ao nosso confrade Andrzej Owca à equipa espiritana JPIC de Vivat internacional em Genebra, Suíça. Ele fez a sua formação em Bydgoszcz na Polónia e tem estado ao serviço da Congregação na Croácia, Senegal, Alemanha e Irlanda. Tem uma experiência diversa em ministério JPIC e em diálogo multicultural e interreligioso. Baseado em Genebra, Andrzej procurará utilizar os mecanismos das Nações Unidas para Direitos Humanos para alertar a comunidade internacional para as violações dos direitos humanos que os confrades encontram nas suas missões. Através do seu trabalho e contactos com outras organizações da sociedade civil e religiosa, fará adiantar as questões relacionadas com os Objectivos das nações unidas para o desenvolvimento sustentável, dando atenção especial à redução da pobreza, a protecção do ambiente, a emigração, povos indígenas e outros problemas. Pede se aos confrades que colaborem com Andrzej no seu ministério. Podem contacta-lo no mail vig@vivatinternational.org



P. ANDRZEJ OWCA, CSSP.

OS VOSSOS COMENTÁRIOS E SUGESTÕES PARA
MELHORAR ESTA PUBLICAÇÃO JPIC/DIR
SÃO SEMPRE BEM-VINDAS.

SINTAM-SE LIVRES DE COMENTAR E TAMBÉM

DE NOS ENVIAR NOTÍCIAS DAS VOSSAS

INICIATIVAS PARA PROGREDIR O SERVIÇO ESPIRITANO JPIC/DIR.

CONTACTO: JUDE NNOROM CSSP. csspjplic@yahoo.it

Muito obrigado aos tradutores,
John Flavin e Angi Lepore (Edição)
e todos os JPIC&IRD e colaboradores.

CONGREGAZIONE DELLO SPIRITO SANTO, CASA GENERALIZIA, CLIVO DI CINNA 195, 00136 ROMA